**Questão de gênero na escola**

*Kátia Pupo*[1]

Apesar dos inúmeros avanços e transformações pelas quais a sociedade vem passando nas últimas décadas, as relações entre mulheres e homens mantêm uma grande assimetria. Essa diferença se manifesta também no interior da escola.

Nos últimos anos, o número de meninas freqüentando a escola cresceu a ponto delas representarem hoje a maioria dos (das) estudantes brasileiros nas séries finais de todo o sistema educacional brasileiro, 57%. Além disso, a permanência na escola é maior também entre as meninas, 6 anos em média, enquanto os meninos estudam em média por 5,6 anos. (Brasil/MEC, 2005).

No geral, embora os números da educação brasileira estejam longe do ideal para todos os estudantes, as meninas levam pequena vantagem sobre os meninos, pois iniciam seus estudos antes, abandonam menos a escola e sofrem um menor número de reprovações.

Trago essas informações estatísticas para que não pairem dúvidas de que, de certo modo, não há uma desigualdade significativa entre meninas e meninos no que diz respeito ao acesso e à permanência no interior das instituições escolares. Onde estaria então a grande assimetria na relação entre os gêneros no interior da escola a que fizemos referência?

Vale lembrar que é na sociedade que as características sexuais femininas e masculinas são construídas e representadas, portanto, ao chegarem à escola, meninas e meninos já percorreram um caminho social de convivência e

[1] Coordenadora do Ensino Médio do Colégio Miguel de Cervantes (São Paulo).

incorporação dos valores de sua cultura. Sabem a que gênero pertencem e, na maioria das vezes, o que se espera deles nos papéis feminino e masculino. Em muitos casos, estão impregnados das velhas concepções preconceituosas sobre o homem e a mulher, construídas com base nas diferenças de sexo.

A escola, por sua vez, reflete o sexismo que trespassa toda a sociedade, reproduzindo, com freqüência, as estruturas sociais e reforçando os preconceitos e privilégios de um sexo sobre o outro e colaborando para a construção da identidade sexual das meninas e dos meninos. É possível interferir nessa situação?

Em seu livro *"Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola"*, Moreno Marimón (2003) defende que a escola pode ensinar a pensar, a questionar, e com isso apontar para novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo.

Na perspectiva da autora, a escola pode, por um lado, através do desvelamento dos sistemas de pensamento e atitudes sexistas presentes na sociedade (e na própria escola), tomar para si a tarefa de resistir e promover a transformação dessas concepções e comportamentos sociais. Por outro lado, ao não explicitar as desigualdades de gênero, a escola corre o risco de acomodar-se e continuar reproduzindo os dicotômicos modelos tradicionais na relação entre os sexos. Se a opção for esta, estará impedindo a percepção e construção de novas maneiras de estabelecer a relação entre mulheres e homens.

Vejamos como a escola contribui para manutenção dos sistemas de pensamento e atitudes sexistas, historicamente construídos, que mantêm as mulheres marginalizadas e hierarquicamente submetidas a padrões masculinos.

A linguagem, o pensamento científico androcêntrico, os conteúdos de ensino das diversas disciplinas, os procedimentos pedagógicos e padrões de relação entre professoras (es) e alunas (os) contribuem para manutenção do *status quo* feminino e masculino.

> *"O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que*

> *ocorre no nosso mundo, como o único capaz de ditar leis, de impor a justiça, de governar o mundo. É precisamente esta metade da humanidade que possui a força (os exércitos, a polícia), domina os meios de comunicação de massa, detém o poder legislativo, governa a sociedade, têm em suas mãos os principais meios de produção e é dona e senhora da técnica e da ciência". (Moreno Marimón, 2003, p.23).*

O androcentrismo que impregna o pensamento científico é um dos preconceitos mais devastadores e está instalado de maneira tão arraigada em nossas concepções que nos torna incapazes de refletir sobre elas e, assim, impede que a relação social homem-mulher se transforme de maneira significativa.

A visão androcêntrica do mundo é compartilhada por todos, mulheres e homens, e nos passa despercebida, pois tendo sempre estado nela submersos, encaramo-la como natural, universal e imutável.

A linguagem oral reflete essa discriminação sexista e reforça o modelo lingüístico androcêntrico. Existem palavras para denominar o indivíduo do sexo masculino e outras para o sexo feminino, mas quando por razões de economia é preciso utilizar uma forma comum para se referir a indivíduos de ambos os sexos, a opção é sempre pelo termo no masculino - *o homem, senhores pais, prezados alunos* -; dessa forma, a identidade sexolinguística feminina fica distorcida. A menina deve aprender sua identidade sexolinguística para imediatamente renunciar a ela.

O mesmo ocorre nos estudos sobre educação que utilizam indistintamente termos aparentemente neutros, masculinos ou femininos, desconsiderando a distinção de sexo das (os) professoras (es), o que pode ser utilizado para reforço de estereótipos e preconceitos de gênero.

Nesse universo é que meninas e meninos vão construindo sua auto-imagem, interiorizando padrões de conduta discriminatória difíceis de serem modificados posteriormente.

Para interferir nesse processo, a análise das práticas e procedimentos que assumimos no dia a dia da convivência escolar é, certamente, um caminho

promissor. Precisamos trazer para o interior da escola as reflexões e discussões sobre os papéis que a sociedade atribui a cada sexo para que professoras (es) e alunas(os) descubram as limitações a que estaremos sujeitos se nos submetermos aos estereótipos de gênero. É preciso intervir, explicitar, reconhecer as diferenças que mantêm a mulher num patamar social inferior ao masculino. É preciso que meninas e meninos percebam que sua conduta não tem nada a ver com capacidades inatas, nem naturais, mas foram construídas socialmente e reproduzem os modelos de conduta existentes.

Em um estudo realizado na cidade de São Paulo com alunos e alunas da rede pública e privada (Pupo, 2007), encontramos resultados interessantes a respeito das representações que os (as) estudantes têm em relação à ação do sexo oposto ao seu numa situação de violência moral. Esses resultados apontam para a importância de se considerar a variável gênero nas propostas pedagógicas de resolução de conflitos.

Após a leitura de um texto em que se contava a história[2] de estudantes que "furavam" a fila da cantina, impedindo com ameaças e intimidação que um colega comprasse seu lanche, perguntamos a meninas e meninos se achavam que a história seria diferente se, ao invés de serem meninos (as), os personagens fossem meninas(os)?

Ao analisarmos as respostas dadas à questão, constatamos que aproximadamente metade dos (as) estudantes imputa ao sexo oposto uma ação que envolve o uso da agressão física. No entanto, entre aqueles que atribuem uma reação agressiva ao sexo oposto encontramos uma maioria expressiva de garotas. Das quarenta e oito garotas que participaram da amostra da pesquisa, trinta e oito afirmam que os garotos estariam predispostos a reagir violentamente em situações como a descrita na história.

No que diz respeito à expectativa dos garotos em relação à ação feminina, pudemos concluir que a agressividade feminina, assumida pelas garotas nesta

[2] Aos meninos foi apresentada uma versão em que todos os personagens eram do sexo masculino, às meninas, por sua vez, a mesma história ocorria com personagens femininas.

investigação, está pouco contemplada na representação que os garotos têm da atitude das meninas num caso como o estudado.

Ambas as expectativas em relação ao sexo oposto parecem, do nosso ponto de vista, reforçar estereótipos construídos inconscientemente através do processo de socialização no interior da cultura de gênero. E quais poderiam ser as conseqüências dessas expectativas?

Um desses efeitos poderia ser decorrência do fato de que, se as garotas esperam comportamentos agressivos dos garotos, talvez tendam a naturalizar esse comportamento e achar que é uma atitude própria do gênero masculino e, portanto, inevitável. Ao assumir tal postura, correm o risco de se tornarem condescendentes com as agressões que vierem a sofrer ou que presenciem, em situações de conflitos nos relacionamentos afetivos entre homens e mulheres.

A constatação de que a grande maioria das garotas possui uma representação do universo masculino como pouco disposto a negociações e a encontrar soluções pacíficas para os conflitos, mostra como as representações das meninas dos modelos de comportamento masculino mantêm firmes os padrões de virilidade.

Ao nos debruçarmos para análise dos modelos aplicados pelos meninos, vamos encontrar uma situação diferente. A representação masculina das supostas ações femininas, diante do conflito, não está centrada fortemente num só paradigma de comportamento, a visão dos garotos está pulverizada em diferentes modelos de comportamento esperado das garotas, por eles, em situações de conflito.

Atribuímos essas perspectivas diferentes do olhar masculino sobre o universo feminino, às mudanças no papel social das mulheres, ocorridas especialmente depois da década de 60 e impulsionadas pelo movimento feminista. Nos últimos anos, temos visto muitas mulheres assumirem tarefas e postos que tradicionalmente eram redutos masculinos.

São representações do universo feminino mais plásticas e suscetíveis à adoção de diferentes papéis do que as meninas demonstraram ter em relação aos

garotos. Há meninos considerando as meninas agressivas e violentas; dependentes e *bobonas*; firmes e resolvidas; tranqüilas, solidárias, compreensivas e com características que variam de acordo com sua personalidade e que não estão relacionadas ao fato de serem meninas.

Numa análise mais apurada dos resultados, no entanto, encontramos uma maioria esmagadora de garotos esperando ações não-agressivas, não necessariamente, submissas ou dependentes, das garotas.

No geral, as expectativas dos (as) estudantes não correspondem ao que, em realidade, esses mesmos estudantes propõem, quando inquiridos sobre a forma de solucionar o conflito. Com essa constatação, podemos concluir que, conquanto as diferenças já discutidas, diante de um conflito de violência moral, as relações entre os sexos continuam marcadas por representações dos papéis sexuais bastante presas a padrões sexistas e que não parecem encontrar validação na ação concreta de meninos e meninas.

Há em curso mudanças nos paradigmas de comportamento feminino e masculino diante de uma situação de violência moral e, por extensão, é possível que em outras situações também, mas que estão ainda pouco contempladas nas representações que os (as) estudantes têm do sexo oposto. As conseqüências dessa visão distorcida podem ser nefastas para as relações afetivas, entre os gêneros, que tendem a pensar por generalizações e estereótipos; meninas no caso desse estudo, ainda mais.

Acreditamos que, se é verdade que as representações dos padrões feminino e masculino de comportamento, construídos historica e socialmente, permanecem, em grande parte, inalteradas, é também nesses espaços públicos, em instâncias como as escolas, lugar de formação e imposição de princípios sexistas que encontraremos um imenso campo de ação possível para promover reflexões e, quiçá, mudanças que possam romper com os paradigmas tradicionais de comportamento masculino e feminino no que diz respeito ao manejo de situações de conflito.

Acreditamos que seria preciso revelar as semelhanças e reconhecer as diferenças no que diz respeito a sentimentos, desejos e ações de meninas e meninos. Não basta que professoras e professores ajam em sala de aula tratando igualmente meninas e meninos nas discussões deste e de outros temas, porque isso não será suficiente para provocar as mudanças que são necessárias, ainda, na desigual relação entre os gêneros. Tentar manter uma neutralidade no tratamento desse tema pode significar fortalecer modelos de conduta, sistemas de pensamento e atitudes sexistas.

Promover o debate e o diálogo do tema talvez seja um caminho próspero. É tarefa da escola fazer com que alunos e alunas reflitam sobre seus sentimentos e emoções diante de conflitos interpessoais, desconstruindo preconceitos de gênero e contribuindo para a construção de novos modelos de relação entre homens e mulheres pautados em princípios de igualdade e justiça.

**Referências bibliográficas:**

MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola.* São Paulo: Moderna, 1999.

PUPO, Kátia Regina. *Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. USP, São Paulo, 2007.